

CLÁUDIO ABDO, ROSA CABECINHAS & MARIA JOSÉ BRITES

claudioabdo@gmail.com; cabecinhas@ics.uminho.pt; britesmariajose@gmail.com

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE - CECS - UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA; CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM COMUNICAÇÃO APLICADA, CULTURA E NOVAS TECNOLOGIAS - CICANT - UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO, PORTO

CRISE MIGRATÓRIA NA EUROPA: OS *MEDIA* E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS REFUGIADOS

RESUMO

A chegada de milhões de refugiados ao continente europeu desde 2014 evidencia uma crise humanitária, mas também uma incapacidade dos países que compõem a União Europeia em encontrar em desenvolver políticas migratórias e de asilo que sejam comuns. Para compreender os desdobramentos, causas e possíveis consequências da crise migratória na Europa, se torna indispensável abordar temas como a globalização, as migrações forçadas, a Primavera Árabe, os refugiados, os *media* e os impactos na sociedade. Dessa forma, o que se alcança é um enquadramento do contexto em que a crise ocorre revisitando a história recente, mas também a possibilidade de uma análise do papel dos *media* na construção e difusão de imagens dos refugiados que encontram, do outro lado, uma sociedade baseada no espetáculo e que está pronta para consumir o conteúdo que lhes é ofertado.

PALAVRAS-CHAVE

Crise migratória; Europa; imagem; *media*; refugiados; sociedade

1. INTRODUÇÃO

Em 2017, 68 milhões de pessoas deslocaram-se forçadamente pelo mundo e, destas, mais de 25 milhões enquadravam-se como refugiados de acordo com a ACNUR (2018). Este texto traz reflexões teóricas e também uma contextualização histórica e geográfica que contextualizam esta temática no século XXI. Trata, sobretudo, da globalização, das migrações forçadas, da Primavera Árabe, dos refugiados e chega até aos *media*, passando por questões fundamentais relativas à literacia mediática, à sociedade do espetáculo e aos valores de notícia.

Importa destacar que a “crise migratória” – em curso sobretudo desde 2014 – já é considerada a maior deslocação de pessoas, motivada por conflitos armados, que ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial na Europa. Vale ressaltar ainda que a chegada em “massa” desses cidadãos na condição de refugiados foi e ainda é noticiada pelos *media* que, atuando de forma ativa e muitas vezes imparcial, exercem influência na formação da opinião pública e contribuem para a construção da imagem dos refugiados. Ademais, em pouco mais de quatro anos, os países da Europa dão sinais ao mundo de que suas políticas de migração, de acolhimento e até os pactos e tratados em relação aos direitos humanos estão ainda somente na teoria e muito distantes de serem postos em prática.

Há uma clara discordância no entendimento dos conceitos de Nação, Estado, soberania, segurança nacional na crise migratória europeia, especialmente em um tempo onde a globalização se mostra como a grande disseminadora de processos globais e que, via de regra, não consideram as fronteiras nacionais, as diferentes culturas, os direitos e liberdades, tendo as questões econômicas geralmente como principais motores de propulsão. Pensar se a crise migratória na Europa é uma ameaça pura e simples aos conceitos supracitados, ou uma oportunidade para o avanço de leis e políticas mais justas em relação aos migrantes, refugiados e às migrações, aparece como uma considerável ponderação a ser feita.

2. GLOBALIZAÇÃO

Os vários sentidos atribuídos à globalização tornam o processo de definição do termo bastante complexo, porém faz-se necessário considerar que existem aspetos indissociáveis ao tema. Há uma alteração sensível nos conceitos de espaço e de tempo, as interações culturais são multiplicadas, bem como surge com a globalização uma partilha dos problemas que deixam de ser locais para se tornarem globais. Além disso, com relações econômicas e sociais cada vez mais dependentes, organizações multinacionais, redes de transporte e comunicação interligadas, nota-se que há, na globalização, uma sincronização nas mais diferentes dimensões (Barreto, 2005).

Talvez para entender a globalização seja necessário notar que existe um cruzamento dos mais diversos aspetos e de diferentes dimensões, passando pela economia, mas também chegando às questões tecnológicas, sociais, políticas, de cultura e de desenvolvimento. Em se tratando de economia, a globalização pode ser apontada como uma das principais responsáveis pela perda de poder dos Estados nas questões de regulamentação, já

que grandes corporações e os próprios mercados de câmbio sucumbiram à emergência da integração e interdependência que podem ser consideradas adjetivos da globalização (Barreto, 2005).

Dessa forma, diversos autores fazem questão de afirmar que os processos migratórios só ganharam a força e a proporção que possuem graças ao estabelecimento de um mercado mundial. Mercado este que suscita nos cidadãos uma busca por qualidade de vida, conforto econômico e social utilizando-se das redes de transporte e comunicação cada vez mais integradas. Porém, engana-se quem olha para a globalização somente como promotora de bem estar social e união. Isso porque, como afirma Castells (2002), o trabalho feito para promover a globalização de maneira positiva é muito bem elaborado. Portanto, se de um lado essa globalização promove o surgimento e a formação de sociedades multiculturais onde pessoas de diferentes nacionalidades, culturas, aspetos de vida, religião, medos e anseios passam a conviver e a ter a vida compartilhada sob alguns aspetos, do outro lado há uma crescente desigualdade entre Estados e problemas sociais diretamente relacionados com essas disparidades.

Tais desigualdades traduzem-se, muitas vezes, em conflitos e guerras atuando fortemente na decisão das pessoas em migrarem em busca de melhores condições de vida e não só. As questões econômicas suscitadas pela globalização e sua propaganda que se baseia no falso pressuposto de que há uma mobilidade mais fácil e rápida, contrasta com a interferência direta dos Estados na tentativa, muitas vezes fracassada e outras tantas bem sucedida, de controlar as fronteiras e os fluxos de pessoas. A influência dos Estados não é tão premente no caso das migrações internas, porém com as migrações internacionais é importante lembrar o papel fulcral dos governos nesse processo, especialmente em países onde a democracia foi sufocada por uma ditadura.

Seria irresponsável atribuir outros atributos e responsabilidades das vagas migratórias somente aos Estados. Porém é relevante sublinhar que cabe aos Estados o desenvolvimento de políticas de imigração que visam promover a cidadania e que essas políticas atuam diretamente nos fluxos migratórios e na maneira como estes fluxos se moldam (Reis, 2004). Dessa forma, está claro que as questões migratórias são suscetíveis às interferências dos Estados e que a mudança de país por qualquer pessoa que a deseje não é tão simples como o envio e recebimento de fluxos de capital.

Portanto, se é possível fazer a associação entre a agilidade nos processos comunicacionais e das redes de transporte, também é plausível atrelar o fenômeno da força de trabalho e das migrações com a globalização. Devido à obediência da globalização a uma economia global e a um

sistema econômico interdependente, há uma permissão intrínseca no caso da movimentação de pessoas de um ponto a outro do planeta em prol dos mais diversos motivos, especialmente os que estão relacionados à economia. Essa facilidade em relação ao comércio de mercadorias, de movimentação de pessoas e de capitais não ocorreria se não fosse a globalização (Held & McGrew, 2001).

Sendo assim, é possível afirmar que a globalização é, antes de tudo, um fenômeno econômico e que também por isso gera impactos na sociedade, entre eles está o das questões migratórias que nos traz aqui. A globalização, as migrações e a força de trabalho podem ser tratados como temas correlatos e também apontados como a causa e a consequência uns dos outros.

Em relação à crise migratória na Europa no século XXI, há uma demonstração prática do mecanismo que movimenta a globalização. Guerras e conflitos de diversas naturezas forçam a movimentação de milhares de pessoas (força de trabalho) de seus países de origem (migrações) para que busquem uma vida mais digna. Essa vaga migratória se depara com o continente europeu, sua população ativa mais envelhecida e que, sem uma ação rápida e eficaz, não conseguiria reverter essa situação. Como tal, a Europa, e tudo o que ela significa em termos econômicos, perderia força diante de outros blocos econômicos globais (globalização). Ou seja, ao se analisar a crise migratória na Europa e a sua relação com a globalização, é possível notar que os acontecimentos em torno do tema (crise migratória) servem também para responder a uma necessidade de mercado.

3. MIGRAÇÕES FORÇADAS, PRIMAVERA ÁRABE E OS REFUGIADOS

As migrações são parte integrante da história da humanidade e debater, mesmo que de maneira sucinta, o conceito de diáspora se faz necessário. Ainda que inicialmente o debate em torno da diáspora tenha sido fortemente influenciado pela diáspora judaica, Cohen (2008) traz para a discussão o fato de que também outros “grupos étnicos” se dispersaram por territórios. Esse autor afirma que alguns críticos argumentam que o conceito de diáspora precisou ser revisto e rediscutido por conta do que Cohen chama de mundo pós-moderno. Um mundo onde as identidades não se definem somente por conta de um território, mas também são flexíveis e dependem do contexto.

Mesmo que o conceito de diáspora tenha sido rediscutido, para Brubaker (2005, p. 5) existem ao menos três elementos que devem ser

considerados para que um movimento migratório possa ser entendido como uma diáspora, são eles: o primeiro, “a dispersão no espaço”; o segundo, “orientação para uma ‘pátria’”; e o terceiro, “manutenção das fronteiras”.

Porém, a grande maioria dos Estados, muitos deles influenciados e impactados diretamente pela globalização em seu viés econômico, partem do pressuposto que as migrações são motivadas unicamente por motivos relacionados à economia. Mas, geralmente esquecem-se de que a interdependência gerada pela globalização também atua em questões políticas e sociais. Um acontecimento em um país longínquo na América do Sul, por exemplo, gerará impactos, também migratórios, na Europa, América do Norte, Ásia ou Oceânia. A amplificação global de problemas locais pode ser apontada como mais um aspeto da globalização que pode afetar os processos e fluxos migratórios.

As diferentes decisões políticas em relação aos migrantes forçados demonstram que os Estados não sabem lidar com estas pessoas, pois como os fluxos migratórios são quase sempre permeados por questões econômicas, as discussões costumam ocorrer desconsiderando o fator humano e privilegiando outros aspetos como a concessão de benefícios sociais, controle preventivo dos imigrantes e implantação de políticas para discernir entre os migrantes desejáveis e os indesejáveis. O Canadá conta com um sistema de classificação dos requerentes de visto (estudo, trabalho, etc.) onde leva em consideração, sobretudo, aspetos econômicos e, por exemplo, para atribuir ou retirar pontos dos solicitantes, a idade, a formação acadêmica, a renda média e o domínio da língua são pontos fundamentais e determinantes. Ou seja, novamente percebe-se que as migrações interagem fortemente com os processos globais de economia (Peixoto, 2007).

E a crise migratória na Europa do século XXI surge como uma fonte quase que inesgotável de elementos que reforçam essa ideia. O evento que pode ser considerado o gatilho para tal crise é a denominada Primavera Árabe, um acontecimento que ficou assim conhecido no ocidente por conta da forma como os *media* noticiaram os diferentes incidentes políticos de caráter popular que inicialmente ocorreram nos países do norte da África e, posteriormente, nos países do Oriente Médio. Mas não só, a designação de Primavera Árabe também se deu por significar o renascimento, o fim de um período mais escuro e sombrio (Bijos & Silva, 2013) e, como afirma Babo (2013, pp. 798-799), “a designação primavera árabe – que se reporta à primavera de Praga, dado o caráter do movimento jovem na rua (...) resulta de um uso público da memória coletiva europeia” e, dessa forma, se “enquadra assim num *frame* de referências culturais e históricas a afetação vivida na experiência pública pelas impressionantes manifestações”.

Com protestos inicialmente na Tunísia no fim de 2010 por conta da morte do jovem Mohamed Bouazizi por autoimolação, a onda de revoltas chega rapidamente na Líbia, Argélia, Marrocos, Mauritânia, Egito, Sudão, Somália, Iêmen, Omã, Arábia Saudita, Iraque, Líbano, Síria e outros países que, via de regra, viviam sob regimes ditatoriais de décadas. Porém, em termos mediáticos, foi a guerra civil na Síria que ganhou a atenção dos meios de comunicação ocidentais. Desde 2011, os confrontos naquele país ocupam as páginas dedicadas às notícias internacionais dos principais jornais do mundo.

Metade dos 22 milhões de habitantes da Síria, de acordo com dados da ACNUR (2016), são atualmente compostos por pessoas na condição de refugiados (4,9 milhões) ou que se deslocaram internamente (6,6 milhões). Em termos gerais, dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2018) mostram que 68,5 milhões de pessoas são deslocadas no mundo e que, deste número, 25,4 milhões foram contabilizadas em 2017 como estando na condição de refugiadas.

Porém, quando a questão dos refugiados chega até os países do continente europeu e a crise migratória começa a pautar os *media* da Europa e do mundo a parte do conceito de globalização onde é referida a questão dos problemas compartilhados, faz muito sentido. Um sentido pragmático onde a União Europeia assiste, sem reação, à chegada de milhares de refugiados nas cidades litorais da Grécia e da Itália por via marítima e por via terrestre na Bulgária, Romênia, Sérvia e Hungria. E mesmo que 70% dos europeus sejam favoráveis a criação e ao desenvolvimento de uma política comum em relação às migrações na Europa, e que 65% se mostrem receptivos ao processo migratório intracomunitário, 52% são contrários à chegada de imigrantes provenientes de países de fora da União Europeia (Eurobarómetro 89, 2018). Ou seja, tão importante quanto discutir os impactos da crise migratória na sociedade europeia, é a abordagem feita pelos *media* quando noticiam a chegada de refugiados ao continente europeu.

4. OS *MEDIA*, A LITERACIA MEDIÁTICA E A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Estudar os *media* é, antes de tudo, passar a tentar compreender qual o impacto que eles têm na sociedade. Há, inicialmente, a necessidade premente de se admitir e reconhecer que a presença dos *media* na vida contemporânea se faz de maneira ostensiva e quase que universal, mas que além disso essa presença atuou e atua na criação de uma dependência no que se refere a busca compilada de informação por parte dos espectadores

e de experiências que, sem os *media*, não ocorreriam da maneira como acontecem (Silverstone, 2002).

Por isso a percepção da importância dos *media* na sociedade passa, inevitavelmente, pelo conceito de literacia mediática que, de acordo com a Comissão Europeia na recomendação publicada em 2009, transita na capacidade que os cidadãos possuem em acessar os *media* e em avaliar de maneira crítica, quando o fazem, os conteúdos disponibilizados respeitando os contextos diversos. Além disso, a maneira como os *media* estão incorporados ao dia a dia das pessoas, a forma como atuam na criação de novas formas de entretenimento, nas diferentes possibilidades de se conhecer o mundo e, dessa maneira, interferindo na vida laboral, educacional e no modo como são estabelecidos os processos de comunicação e de informação, mostram a importância e a necessidade em se aprender sobre o papel dos *media* (Pereira, Pinto & Moura, 2015).

Portanto, entende-se que não é possível separar a sociedade dos *media* e, sendo assim, o caminho mais apropriado é o de preparar os cidadãos para que seja possível criar uma convivência honesta e transparente. Além disso, se as sociedades democráticas são pautadas pelo exercício do poder, é na literacia mediática onde reside a possibilidade da transferência de poder dos grandes conglomerados de *media* para as pessoas que compõem a sociedade civil e que, diante do advento da internet, também são produtoras de conteúdo (João & Menezes, 2012). Segundo Potter Potter, (2004, p. 20), sem um bom entendimento dos *media*, suas mensagens e os efeitos, as pessoas podem desenvolver mal-entendidos e interpretações erradas sobre o mundo. Aqueles que não conseguirem desenvolver a sua literacia mediática serão arrastados por uma onda de mensagens. Saber muito sobre os eventos atuais apresentados pelas organizações de notícias não significa necessariamente que sabemos quais são os problemas do mundo – ou como lidar com eles. Os *media* podem dar uma falsa sensação de que estamos bem informados.

Há, portanto, uma necessidade em se discutir os *media* também pelo prisma do consumo. Para Baudrillard (1995) a sociedade baseia quase todas as suas relações no consumo onde todos os acontecimentos parecem seguir um roteiro pré-determinado para que aconteçam na hora determinada e sem causar surpresas. Para o autor, os meios de comunicação de massa universalizam os fatos e os acontecimentos justamente porque a sociedade moderna espera isso deles. Sendo assim, os *media* não são capazes de espelhar a realidade, apenas fragmentos dessa realidade.

Em se tratando dos *media* e da literacia mediática, a questão dos refugiados também é permeada pela desinformação. Se de um lado não

é possível dissociar a atuação dos *media* da vida do cidadão comum e do contrato que se estabelece entre quem envia a mensagem e quem a recebe e a maneira como isso decorre, por outro lado essa emergência dos fatos e da necessidade em serem noticiados são um campo fértil para o surgimento de notícias falsas, ou que não são verificadas, justamente pela falta de tempo. Há uma necessidade de que a informação circule rapidamente e, como afirma Bauman (2007), para que isso ocorra ela não necessariamente precisa ser verdadeira. No caso dos refugiados, outros fatores precisam ser levados em consideração para que as notícias falsas ganhem fôlego. Como as questões relacionadas com a teoria da identidade social (Tajfel & Turner, 1979). Porém, por ser um tema que merece um respeitoso aprofundamento, não será abordado neste texto.

Ocorre que no século XXI o impacto da notícia é muito mais relevante do que o seu teor. O jornalismo usufrui disso para gerar repercussão aproveitando-se, inclusive, das redes sociais digitais e das bolhas criadas pela internet onde a aplicação de filtros permite que os usuários vejam somente o que lhes interessa. Sendo assim, o compartilhamento e o consumo de falsas notícias ecoam e reverberam em espaços onde não existem resistências e forças que contrariam as ideias divulgadas. É uma comunicação conveniente onde quem diz sabe exatamente o que o público quer ouvir e encontra caminho livre para, inclusive, espalhar notícias falsas de maneira rápida e com consequências graves (Wardle & Derakhshan, 2017).

Porém, se faz necessário refletir sobre os mais diversos aspectos no processo comunicacional. Quem cria as notícias falsas sabe que, de alguma maneira, existe um caminho livre a ser percorrido e que há um público disposto a ouvir e ver aquelas inverdades. Para Gitlin (2003, p. 109) “os meios de comunicação não são espelhos da realidade, nem são pinturas abstratas do imaginário”. Para o autor, “eles são, novamente, mais como espelhos de casa divertidos, estreitando e alargando, alongando e encurtando, distorcendo e negligenciando o que já está lá – em algum lugar”.

Falar dos *media* e da literacia mediática possibilita que outras questões sejam debatidas, especialmente as que dizem respeito ao que se produz e ao que se consome em relação aos mais diferentes aspectos da sociedade (economia, política, etc.). O conceito de espetáculo caminha lado a lado ao das indústrias culturais, pois os espaços criados dentro dos *media* possibilitam, principalmente na internet, que pessoas e produtos circulem em um meio altamente tecnológico onde novos e possíveis consumidores são convencidos (Kellner, 2006).

A crise migratória na Europa parece pautar as notícias pelo mundo, não somente por sua gravidade e emergência humanitária, mas porque em

torno dessa crise a questão da espetacularização surge de maneira intensa. Para Debord (2003, p. 14) “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas, mediatizada por imagens”, ou seja, a chegada de milhares de refugiados ao continente europeu possibilita a criação e o desenvolvimento dessa relação social referida pelo autor e tem sido uma oportunidade para que imagens dramáticas inundem os *media* de todo o mundo. É um processo que se retroalimenta e, mesmo que se beneficie do sofrimento humano, encontra audiências para isso.

Portanto, novamente se faz necessário compreender a relação entre quem produz e quem consome os conteúdos e notícias no que diz respeito, por exemplo, aos valores notícia. Pois, ao saber da existência de uma sociedade que baseia suas relações no espetáculo, obviamente que a contrapartida dos *media* será, em maior ou menor grau, tentar abastecer e entregar para essa sociedade informações que cumpram a função e obedeçam os requisitos para serem espetaculares. Freund (1995, p. 188) diz que “a natureza, vista pela câmara, é diferente da natureza vista pelo olho humano”, ou seja, se na sociedade do espetáculo a questão visual conta, há de se ter em conta que os *media* utilizam e se apoiam em imagens que cumprem requisitos estéticos e de noticiabilidade para que surtam o efeito pretendido.

Importante ressaltar que a maneira como o processo de seleção da informação acontece não é ocasional. Os profissionais responsáveis por essa seleção atuam como mediadores da informação, gozam de certo prestígio e confiança perante o público e, sendo assim, atuam como selecionadores das mensagens e transformam uma quantidade quase que infinita de notícias em recortes. Frente a essa situação, a redução de tantas mensagens potenciais em um conjunto tão pequeno pode parecer impossível, mas existe um longo e consolidado processo que possibilita que isso aconteça diariamente. Esse processo determina não apenas qual informação será selecionada, mas também qual será o conteúdo e a natureza das mensagens tais como as notícias, por exemplo (Shoemaker & Vos, 2016, p. 11).

Porém, o processo de definição do que é ou não notícia vai levar diferentes aspectos em consideração. Desde questões semânticas, de recepção e sintáticas. É possível dizer que a confiança e o hábito de consumir um determinado veículo de comunicação suprem os atributos semânticos, já os fatos inéditos e raros são os encarregados pelas questões sintáticas. Levando em consideração os atributos de recepção, pode-se afirmar que estes irão depender da consciência do receptor e também dos critérios de noticiabilidade utilizados (Epstein, 2007).

5. CONCLUSÕES

A intenção deste capítulo passa também por tentar encontrar pistas e indicações que mostrem a maneira como os cidadãos europeus percebem os refugiados e traçar um paralelo que aponte em que medida essa percepção é influenciada pelos *media*. Se é na globalização que os processos migratórios se tornam mais intensos, velozes e abundantes, pode-se dizer que as questões relacionadas aos *media* também acompanham essa velocidade, abundância e intensidade. No caso dos refugiados e da crise migratória na Europa, não é possível dissociar o papel dos *media* diante dos acontecimentos e tão pouco subestimar o trabalho realizado pelos profissionais de comunicação que atuam de maneira sistemática na busca por imagens e notícias que pretendem causar impacto em uma sociedade sedenta pelo espetáculo.

O que se viu durante o auge da crise migratória na Europa, especialmente em 2015, é que esses acontecimentos foram ilustrados por imagens de milhares de pessoas amontoadas em barcos pelo Mediterrâneo ou que seguiam a pé por centenas de quilômetros tentando chegar ao continente europeu. A maneira como a relação entre a sociedade e os *media* foi constituída pressupõe que atualmente é expectável que essa sociedade precisa ser impactada e, sendo assim, os *media* precisam entregar imagens que sejam capazes de chocar. Dessa maneira, é na crise migratória e na chegada dos milhares de refugiados à Europa que isso vai acontecer de maneira fluida, frequente e eficaz.

Outro aspeto interessante da crise migratória que envolve a Europa é que os acontecimentos políticos e sociais ocorridos na África e no Oriente Médio e que foram designados de Primavera Árabe mostram, de maneira pragmática, os efeitos da globalização. Seja pela interdependência ou pela comunhão dos problemas, os desdobramentos das revoluções ocorridas em países como a Síria, por exemplo, são sentidos, repercutem muito distante daquele território e podem ser apontados como consequências diretas da globalização. Há uma mudança, não só nos conceitos de espaço e tempo, mas também no encurtamento de distâncias promovidos pela globalização. O número crescente de refugiados e que já é o maior desde a Segunda Guerra Mundial mostra que as decisões políticas e as consequências sociais que, em princípio, seriam sentidas somente localmente, ganham na globalização uma dimensão amplificada e mundial.

A delicada e complicada questão dos refugiados na Europa serve de oportunidade, se essa for a intenção, de se analisar o entendimento e a interpretação que é dada aos diferentes conceitos. Seja por conta da

definição do que é Estado, Nação ou território, passando até mesmo pela tão defendida e proclamada segurança nacional, um argumento frequentemente utilizado para se negar pedidos de asilo ou de recebimento de refugiados, há no continente europeu, e quem sabe em outros continentes e países do mundo, uma chance de se discutir os direitos humanos. É também uma oportunidade para que seja feita uma reflexão sobre o fosso entre a teoria e prática no que diz respeito aos direitos humanos e alertar para os riscos de retrocesso.

Além disso, a conjuntura dos acontecimentos relacionados à crise migratória na Europa pode servir de inspiração para que a discussão em torno da literacia mediática ganhe adeptos e, dessa forma, outras oportunidades surjam, trazendo para o debate as responsabilidades sociais atribuídas aos media também pelo viés migratório. Com certeza a crise migratória na Europa fez as políticas de migração voltarem a ser discutidas, mesmo que para isso tenha havido algum tipo de fragmentação e discussões acaloradas no parlamento europeu.

Nota-se, com isso, que as questões migratórias jamais podem sair da pauta social, política e econômica das sociedades. A demora nas respostas às questões dos refugiados na Europa mostra exatamente os efeitos negativos de se evitar discussões em torno de temas tão sensíveis por conta do populismo político. Se a implantação de políticas migratórias comuns estivesse constantemente na pauta do parlamento europeu, por exemplo, as medidas emergenciais e humanitárias poderiam ter sido implantadas de maneira mais ágil evitando perdas de vidas humanas já no início da crise, algo que não ocorreu.

Portanto, debater o papel dos *media* na sociedade serve também para reforçar que, em países democráticos, são esses *media* que, de maneira mais ou menos intensa, cumprem a função básica de informar, mas também de agirem como fiscais da sociedade para com os olhos voltados para as ações políticas e, com isso, trazer à tona temas relevantes. A discussão em torno dos desdobramentos da crise migratória na Europa no século XXI também se dá por conta do que foi mostrado pelos *media* e como isso afetou a opinião pública.

FINANCIAMENTO

Cláudio Abdo é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) através da concessão de uma bolsa de doutoramento (PD/BD/128175/2016) no âmbito da Bolsa de Investigação do POCH - Programa

Operacional Capital Humano, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MCTES – Tipologia 4.1 – Formação Avançada, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MCTES.

REFERÊNCIAS

- ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (2016). Deslocamento forçado atinge recorde global e afeta uma em cada 113 pessoas no mundo. Retirado de <https://goo.gl/1ARzem>
- ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (2018). Dados sobre Refúgio. Retirado de <https://bit.ly/2sOO893>
- Babo, I. (2013). As manifestações na Tunísia e no Egito em 2010-2011: A semântica dos acontecimentos nos media e o papel das redes digitais. *Análise Social*, 209, 792-809.
- Barreto, A. (Ed.) (2005). *Globalização e migrações*. Lisboa: Impr. de Ciências Sociais.
- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2007). *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio de Água.
- Bijos, L. M. D. J. & Silva, P. A. D. (2013). Análise da Primavera Árabe: um estudo de caso sobre a revolução jovem no Egito. *Revista CEJ*, 17(59), 58-71.
- Brubaker, R. (2005). The 'diaspora' diaspora. *Ethnic and Racial Studies*, 28(1), 1-19.
- Castells, M. (2002). *The internet galaxy: reflections on the internet, business, and society*. Nova Iorque: Oxford University Press on Demand. Retirado de <https://goo.gl/H8btja>
- Cohen, R. (2008). Sólidas, dúcteis e líquidas: noções em mutação de “lar” e “terra natal” nos estudos da diáspora. *Caderno CRH*, 21(54), 519-532.
- Debord, G. (2003). *A sociedade do espetáculo*. Retirado de <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>
- Epstein, I. (2007). Quando um fato se transforma em notícia no jornalismo e na ciência. *Comunicação & Sociedade*, 28(47), 159-179.
- Freund, G. (1995). *Fotografia e sociedade*. Lisboa: Ed. Veja.

- Gitlin, T. (2003). *The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the new left*. Berkeley: Univ of California Press. Retirado de <https://goo.gl/AyPLK5>
- Held, D. & McGrew, A. (2001). *Prós e contras da globalização*. Rio de Janeiro: Zahar. Retirado de <https://goo.gl/o9p1ig>
- IOM, International Organization for Migration. (2018). *Global migration trends*. Retirado de <https://www.iom.int/global-migration-trends>
- João, S. G. & Menezes, I. (2012). Construção e validação de indicadores de literacia mediática. *Comunicação & Sociedade*, 13, 55-68.
- Kellner, D. (2006). Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. *Sociedade midiaticizada. LÍBERO*, 6(11), 119-147. Retirado de <https://goo.gl/E8e11S>
- Peixoto, J. (2007). Dinâmicas e regimes migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal. *Análise Social*, 183, 445-469. Retirado de <https://bit.ly/2HmJFmy>
- Pereira, S., Pinto, M. & Moura, P. (2015). *Níveis de literacia mediática: estudo exploratório com jovens do 12º ano*. Retirado de <https://goo.gl/QTPM2q>
- Potter, W. J. (2004). *Theory of media literacy: a cognitive approach*. Londres: Sage Publications.
- Reis, R. R. (2004). Soberania, direitos humanos e migrações internacionais. *Rev. Bras. Ci. Soc.*, 19(55), 149-163
- Shoemaker, P. J. & Vos, T. P. (2016). *Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia*. Porto Alegre: Penso Editora. Retirado de <https://goo.gl/fdZVmj>
- Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a mídia*. São Paulo: Edições Loyola. Retirado de <https://goo.gl/uWj5ss>
- Standard Eurobarometer 89. Spring (2018). *The views of Europeans on the European Union's priorities*. Retirado de <https://goo.gl/LrDy8s>
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The Social Psychology of intergroup relations* (pp. 33-48). Monterey, California: Brooks/cole.
- Wardle, C. & Derakhshan, H. (2017). Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. *Council of Europe Report*, DGI (2017), 9.

Citação:

Abdo, C., Cabecinhas, R. & Brites, M. J. (2019). Crise migratória na Europa: os media e a construção da imagem dos refugiados. In Z. Pinto-Coelho, S. Marinho & T. Ruão (Eds.), *Comunidades, participação e regulação. VI Jornadas Doutorais, Comunicação & Estudos Culturais* (pp. 71-83). Braga: CECS.